**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL**
**DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**
**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS**
**BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**GISLAINE LUIZA NASCIMENTO SANTOS**

# ENTRE O LAR E A SALA DE AULA: UM *PODCAST* SOBRE "ESCREVIVÊNCIAS" DE TRABALHO DOMÉSTICO E ENSINO UNIVERSITÁRIO

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**
**2026**

**GISLAINE LUIZA NASCIMENTO SANTOS**

# ENTRE O LAR E A SALA DE AULA: UM *PODCAST* SOBRE "ESCREVIVÊNCIAS" DE TRABALHO DOMÉSTICO E ENSINO UNIVERSITÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade Trabalho em Linguagem Artística, apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB – Campus dos Malês.

Orientadora: Profª. Drª. Juliana Barreto Farias.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2026**

**GISLAINE LUIZA NASCIMENTO SANTOS**

# ENTRE O LAR E A SALA DE AULA: UM *PODCAST* SOBRE "ESCREVIVÊNCIAS" DE TRABALHO DOMÉSTICO E ENSINO UNIVERSITÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade Trabalho em Linguagem Artística, apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB – Campus dos Malês.

Aprovado em: 10/07/2026.

## BANCA EXAMINADORA

**Prof.ª Dr.ª Juliana Barreto Farias (Orientadora)**
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

**Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Gomes de Souza**
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

**Prof.ª Dr.ª Eliane Costa Santos**
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

## RESUMO

Através de relatos de histórias de vida, este trabalho busca reconstruir memórias de trabalhadoras domésticas em Salvador, desde pelo menos as décadas de 1980 e 1990 até os dias atuais, abordando também suas experiências como estudantes universitárias. Para tanto, produzo um *podcast* com narrativas sobre minhas próprias experiências como doméstica e estudante do curso de Bacharelado em Humanidades (BHU) da Unilab e as memórias de Joselita Gonçalves, mais conhecida como Dona Joca, que também trabalhou como doméstica, se formou em dois cursos de graduação na Unilab (BHU e Ciências Sociais) e, hoje, é uma reconhecida liderança quilombola na Bahia. Ao longo do trabalho, recorro às ideias de Conceição Evaristo sobre "escrevivências" e também às discussões sobre memória e história oral.



**Palavras-chave**: empregadas domésticas - aspectos sociais - Brasil; ensino superior; autobiografia; podcast.

## ABSTRACT

Through life-history narratives, this study seeks to reconstruct the memories of domestic workers in Salvador, from at least the 1980s and 1990s to the present day, while also addressing their experiences as university students. To this end, I produce a podcast featuring narratives about my own experiences as a domestic worker and as a student in the Bachelor of Humanities (BHU) program at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), alongside the memories of Joselita Gonçalves, better known as Dona Joca. She also worked as a domestic worker, earned two undergraduate degrees at UNILAB (Bachelor of Humanities and Social Sciences), and is now a recognized Quilombola leader in the state of Bahia. Throughout the study, I draw on Conceição Evaristo's concept of *escrevivências* ("writing from lived experience"), as well as discussions on memory and oral history.



**Keywords**: domestic workers - social aspects - Brazil; higher education; autobiography; podcast.

**SUMÁRIO**

**1 APRESENTAÇÃO**..... 7

**REFERÊNCIAS**..... 10

***Podcast* Entre o lar e a sala de aula**..... 11

## 1 APRESENTAÇÃO

Em 2012 a presidente Dilma Rousseff sancionou a Lei de Cotas, ampliando o acesso de estudantes de escolas públicas, de “baixa renda”, negros, pardos e indígenas aos institutos e universidades federais. No ano seguinte, uma emenda constitucional ampliou os direitos das trabalhadoras e trabalhadores domésticos, reconhecendo-os como profissionais com direitos iguais aos de outros trabalhadores. Conhecida como PEC das Domésticas, foi regulamentada como lei em 2015, assegurando jornada de trabalho, pagamentos de horas extras, FGTS, entre outros direitos trabalhistas.

Segundo a professora e pesquisadora Juliana Teixeira, autora do livro *Trabalho doméstico*, essas duas medidas foram importantes para as conquistas legais desses trabalhadores, mas a informalidade, as jornadas excessivas e situações de exploração – inclusive com casos análogos à escravidão – continuam a marcar a vida dos domésticos, sobretudo das mulheres negras (Teixeira, 2021). Lançadas num momento em que políticas públicas foram implementadas pelos governos dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva (2003–2010) e Dilma Rousseff (2011–2016), buscavam ampliar direitos sociais e atacar desigualdades raciais, de classe e de gênero. A criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), em 2010, também fez parte desse contexto, ampliando o acesso a grupos historicamente excluídos da universidade pública.

Por sete anos trabalhei na área de limpeza geral do Campus dos Malês da Unilab, na cidade de São Francisco do Conde. Ao passar pelos corredores e salas da universidade, era chamada várias vezes por professores e alunos, que perguntavam se eu não sonhava em fazer faculdade. Um dia parei e pensei o quanto isso era importante. E aqui estou. Mas, antes de chegar a São Francisco do Conde, também trabalhei como doméstica em “casas de família” em Salvador, onde passei por muitas humilhações e nunca tive minha carteira de trabalho assinada. Quando chegou o momento de fazer meu trabalho de final de curso (TCC), quis contar essa minha história. Mas como poderia fazer isso?

A escritora Conceição Evaristo criou o termo escrevivência, unindo as palavras escrever e vivência, para falar de uma escrita que vem da experiência, da ancestralidade e do dia-a-dia das pessoas marginalizadas, e mais ainda das mulheres negras. Como uma forma de transformar a vivência em literatura e registro da própria história. Seguindo essas ideias, poderia falar das memórias do período em que fui trabalhadora doméstica, desde que tinha 18 anos e morava em Itacanhara, na região do subúrbio de Salvador. A história de Dona Joca, que se tornou aluna da Unilab já com 60 anos, também me inspirava. Por isso

decidi que também queria falar de suas experiências.

O trabalho da pesquisadora Maria Angélica Ferreira, "Histórias de família e o trabalho doméstico: escrevivências através da história contada", que também utiliza o conceito de escrevivência de Evaristo, foi uma referência importante para a construção dos meus objetivos e metodologias. Em seu artigo, ela se baseia nos relatos de sua mãe e sua avó, que foram domésticas, e também de seu pai e de suas próprias memórias, transformando esses registros pessoais e familiares em fontes para discutir o trabalho doméstico, as experiências e identidades de famílias negras, e também abordar silenciamentos e racismo (Ferreira, 2025).

***

Meu objetivo neste trabalho é, através de relatos de histórias de vida, reconstruir memórias de trabalhadoras domésticas em Salvador, desde pelo menos as décadas de 1980 e 1990 até os dias atuais, abordando também suas experiências como estudantes universitárias. Como eram suas relações com patroas e patrões? Sem contratos de trabalho formais e sem carteira assinada, como eram as atividades nas "casas de família"? Como conciliavam o trabalho e a maternidade, sendo que, praticamente, criaram seus filhos sozinhas? E quais os significados de ingressar numa universidade pública? Para refletir sobre essas e outras questões, aproximei minhas próprias experiências e memórias às de Joselita Gonçalves, mais conhecida como Dona Joca, que também trabalhou como doméstica, se formou em dois cursos de graduação na Unilab (Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e Ciências Sociais) e, hoje, é uma reconhecida liderança quilombola na Bahia.

Ainda que o conceito de escrevivência tenha sido proposto para a escrita, podemos adaptá-lo para outras linguagens e narrativas, entendendo-o como uma forma de preservar e difundir experiências narradas pelas próprias pessoas. Seguindo o Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Humanidades (BIH) da Unilab, optamos por um "trabalho em linguagem artística", e mais especificamente um *podcast*. Podemos defini-lo como uma "mídia sonora digital", que é distribuída pela Internet em formato de episódios, combinando "recursos de oralidade e narrativa" para "informar, educar, entreter e compartilhar experiências". Nos últimos anos, e em especial a partir do período da pandemia de Covid, os podcasts se popularizaram e, com as facilidades para sua produção e consumo, vem sendo usados como meios de comunicação e construção do conhecimento em diferentes áreas (Rogero, 2024). Quando pensamos no projeto educacional da Unilab, esse tipo de suporte se

aproxima muito da proposta da universidade, já que amplia e incorpora vozes de trabalhadores, mulheres negras, comunidades tradicionais e outros grupos que, historicamente, estiveram fora da universidade. Também é uma importante ação de divulgação científica e de extensão universitária, divulgando os resultados da pesquisa para além dos espaços acadêmicos.

A produção deste *podcast*, com o título Entre o lar e a sala de aula, também nos aproxima das metodologias de história oral e das discussões sobre memória. De acordo com o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy:

> Memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais. [...] toda memória tem índices sociais que a justificam. É sobre a relação entre o ser individual e o mundo que se organizam as lembranças e os processos que relevam o significado das lembranças armazenadas (Meihy, 2002, p. 54).

A memória é essencial a um grupo ou uma comunidade, ela permite a construção de sua identidade. Mas ela pode mudar ao longo do tempo, dependendo de quando e quem as seleciona e organiza. O historiador ainda diz que toda narrativa nascida da memória será, "sempre e inevitavelmente", construção, elaboração, seleção de fatos e impressões, e pode mesmo conter mentiras, esquecimentos, deformações; ou seja, é "uma versão dos fatos e não os fatos em si". O objetivo central da coleta de depoimentos não é propriamente a busca da verdade, mas sim da experiência (Meihy, 2002, p. 50).

Para produzir essa "mídia sonora digital" com nossas memórias, nos reunimos na Unilab, sob orientação e mediação da professora Juliana Barreto Farias, para dialogar sobre uma lista de temas escolhidos previamente e outros que foram surgindo ao longo das conversas. Após a gravação dos depoimentos, que seguiram procedimentos éticos relacionados ao uso e autorização para uso de voz e imagem, editamos os áudios e constituímos pequenos episódios com diferentes durações. Relatos desse tipo preservam elementos da oralidade, como repetições de palavras, expressões próprias e entonações, que são parte importante da construção das narrativas. Para facilitar a leitura e análise deste trabalho, optamos por apresentar os episódios transcritos.

## REFERÊNCIAS


BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. *Cadernos Pagu*, n. 29, 2007.

BRITES, Jurema. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. *Cadernos de Pesquisa*, v. 43, n. 149, 2013.

FERREIRA, Maria Angélica Chagas. Histórias de família e o trabalho doméstico: escrevivências através da história contada. *Tematicas*, Campinas, SP, v. 33, n. 66, p. 17–38, 2025.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador*: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

MEIHY, José Carlos S.B. *Manual de história oral*. 4.ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

ROGERO, Thiago. *Como criar podcasts*. São Paulo: Sesc Digital, 2024.

TEIXEIRA, Juliana. *Trabalho doméstico*. São Paulo: Jandaíra, 2021. (Coleção Feminismos Plurais).

Podcast: **Entre o lar e a sala de aula**

Gislaine Luiza Nascimento Santos, a Lene, e Joselita Gonçalves, mais conhecida como Dona Joca, conversam sobre suas experiências como trabalhadoras domésticas e estudantes do ensino superior. Aos 69 anos, já "quase 70", Dona Joca concluiu os cursos de Bacharelado em Humanidades (BHU) e Licenciatura em Ciências Sociais, ambos na UNILAB. E hoje também é líder da comunidade quilombola Dom João, na cidade de São Francisco do Conde. Discente do BHU na mesma universidade, aos 56 anos, Lene está concluindo a graduação. Diariamente, mantém, ao lado de seu filho, um pequeno comércio no campus dos Malês.

Ao apresentarem suas experiências, seus depoimentos permitem ampliar o reportório de narrativas, entrelaçando memórias individuais e coletivas. Esta conversa de quase duas horas foi realizada no dia 26 de maio de 2026, na sala sete do Campus dos Malês-UNILAB, em São Francisco do Conde, com a participação e a orientação da professora Juliana Barreto Farias. Dividido em blocos temáticos, com durações variadas, o podcast **Entre o lar e a universidade**[1] aborda o trabalho doméstico em Salvador, em que sobressai a informalidade, a exploração e o racismo; as dificuldades em conciliar maternidade e trabalho; as transferências de Salvador para São Francisco do Conde; e as novas perspectivas que se abriram com o ingresso e as "descobertas" da vida universitária.

## Apresentações

**Lene**: Eu sou Gislaine Luiza Nascimento Santos, sou filha de Dona Lúcia do Nascimento Santos. Nasci em Salvador, em Itacaranha, na Suburbana. Minha mãe trabalhou por muito tempo em casa de família e foi muito humilhada, tinha que dormir na casa da família e acordar cedo para trabalhar, e eu com isso eu fui vivendo o tempo que minha mãe trabalhou. Comecei a trabalhar também em casa de família com meus 18 anos, porque minha mãe não tinha mais condições. Passei por muitas humilhações.

Então, fiquei trabalhando por muito tempo, tinha hora que eu não tinha como tomar café na mesa, tinha que tomar em um quartinho. Então, eu passei por muita humilhação. Tinha que ter banheiro separado, quarto separado, não podia comer na mesa. Não foi só em uma casa. Trabalhei em casa de família que tinha um casal e tinha um filho.

[1] Apresentamos aqui a transcrição, com edições, da conversa gravada em áudio, realizada entre Gislaine Santos e Joselita Gonçalves, no dia 26 de maio de 2026, nas dependências do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab). Na transcrição dos depoimentos, elas são identificadas pelos nomes que são mais conhecidas: Gislaine – Lene; Joselita – Dona Joca.

Na mesma hora que eu trabalhava, eu tomava conta do filho e da moça. Então, eu tinha Trabalhei em Pernambés. Trabalhei na Pituba. Depois, saí dessa casa de família. Aí, depois, fui e criei uma família. Tive um filho.

Por muito tempo que eu trabalhei, depois de muito tempo trabalhando em casa de família, eu criei, tive um filho. Saí de um trabalho em restaurante, que meu filho não tinha com quem deixar. Fui continuar trabalhando em casa de família. Tinha que levar ele. Levava e trazia. Só que essa casa que eu trabalhei, eu já tinha trabalhado há muitos anos. Então, convenci ela que podia trabalhar levando meu filho. Fiquei um bom tempo trabalhando. Depois de sair da casa de família, vim morar em São Francisco do Conde. Fiz uma entrevista no Sine [SineBahia – Serviço de Intermediação do Trabalho]. E eu vim trabalhar na faculdade, na Unilab.

**Dona Joca**: Meu nome é Joselita Gonçalves, filha de Ezequiel, irmã de Maria Augusta. Na realidade, eu sempre trabalhei de diarista nas casas como empregada doméstica. E também lavava de ganho. Só que eu trabalhava assim: fazia a faxina da casa e levava a trouxa de roupa pra casa. Também não tinha salário. Eu trabalhava para ganhar. Naquele tempo era cruzeiro, né? Agora, no valor de 30, a trouxa de roupa, a faxina era 25 para fazer a diária, limpar a casa. Mas não existia, na realidade, não existia para diarista, para a casa doméstica, a carteira assinada, nem o salário mesmo. Em 1975, quando passei a ter conhecimento mesmo, eu cheguei até ter três casas, ia duas ou três vezes na semana em casas. E era sempre... O que mais me chocava é que eu trabalhei no pensionato, era um prédio, onde a mulher tinha um apartamento com vários quartos, e a gente trabalhava com as filhas de fazendeiro, bancários... Todos iam estudar, fazer faculdade aqui na Bahia. E aí, era para lavar roupa, limpar a casa, fazer comida. E eu passei muitos anos, mais ou menos passei uns dez anos trabalhando com essa mulher ali no Barbalho.

**O trabalho doméstico**

**Lene:** Minha mãe trabalhava. Ia com minha mãe. Aí, depois, minha mãe não pôde ficar trabalhando. Eu fiquei. Não trabalhava de carteira assinada.

Morei em Itacaranha. Minha casa foi muita coisa que a gente passou... Minha mãe saiu, porque não conseguiu trabalhar. Então, eu fiquei trabalhando e era muita humilhação que eu passava na casa de família, porque ela queria que eu dormisse na casa, minha mãe não queria que eu dormisse. Aí tinha dia que eu vinha todos os dias, ia e voltava todos os dias pra casa pra ir trabalhar. Tinha dia que a moça não podia ficar todos os dias e trabalhava três vezes na semana. Aí depois desses três dias, eu ia e ficava em outra casa trabalhando, os dois dias. Fazia

diária na casa de família.

Aí depois eu vim vendo que casa de família não era casa pra mim e fui E vim morar em São Francisco, para poder procurar uma melhora. Porque eu passei por muita humilhação na casa de família. E eu fui vendo que isso não era pra mim. Tem casa que eu passei dois anos, tem casa que eu passei três anos trabalhando. E não trabalhei só em nenhuma casa não.

**“Trabalhei como empregada doméstica sem salário”**

**Lene:** Eu saia às 6 horas e chegava às 4 horas da tarde em casa. Mas não trabalhava de carteira assinada, porque ela não tinha condição de pagar. Recebia R$ 600, R$ 500, R$ 400, mas não recebia salário não. Nunca trabalhei de salário fixo. Vim trabalhar de salário fixo aqui [na Unilab]. Trabalhei em restaurante depois de sair da casa.

Trabalhei como empregada doméstica sem salário. Há muito tempo. Não tinha condições de pagar salário. Trabalhei lá em Itacaranha mesmo, tomando conta do filho de uma moça. Lá, depois que eu saí de Pernambués. Sem salário. Não tinha condições de pagar. Eu fazia comida, limpava a casa. Lavava a roupa, limpava a casa, fazia comida, lavava a roupa, mas ele não tinha condições. Eu fiquei, porque eu precisava. Na época eu precisava. Então eu fiquei trabalhando. Porque eu precisava ajudar a minha mãe, que tinha muito filho pequeno, não tinha condições.

Minha mãe tinha seis. Eu era mais velha. Aí não tinha condições. Minha mãe largou meu pai, então ficou criando a gente. Aí eu que tinha que ir trabalhar. Trabalhei na Pituba, trabalhei em Pernambués. Depois fui trabalhar lá em Itacaranha, tomando conta de um filho de uma moça.

Mas, graças a Deus, a casa de Dona Celina foi uma casa que eu trabalhei bem, mas as outras casas eu passei por muita humilhação. Mas eu queria procurar uma melhora pra mim, entendeu? Então, depois que eu vim procurar, foi que eu saí, que ela não tinha condição pra me pagar.

Ela dizia a mim que não tinha condições. Se eu quisesse ficar na casa dela, eu ficava. Como eu precisava, eu ficava. Aí pegava, trabalhava, ela pagava por mês. Sem assinar minha carteira. Nunca trabalhei de carteira assinada. E nunca se conversou sobre assinar a carteira. Quando tocava nesse assunto, ela dizia que não podia pagar, que só podia dar esse dinheiro. Aí eu tinha que aceitar, porque eu precisava. Mas nunca trabalhei de carteira assinada.

**“Meu filho não tinha com quem deixar”**

**Lene:** Como doméstica, eu trabalhei muito tempo, eu trabalhei oito, foi nove anos em casa de

família. A casa que eu mais demorei foi a de dona Celina. Que foi uma casa que, graças a Deus, me amparou por um tempo. Depois que criei família, tive que continuar trabalhando, porque eu não podia trabalhar em empresa, porque meu filho não tinha com quem deixar.
Aí tinha que levar meu filho. Ainda lavava, cozinhava nessa casa, entendeu? E comia nessa casa. A única casa que eu fui bem tratada foi essa casa de Dona Celina. Trabalhei por muito tempo, trabalhei uns 5 anos.

**"Deixava meu filho dormindo, ...chegava, meu filho tava dormindo" Dona Joca:** E aí eu trabalhava o dia todo e a noite toda. Eu saía de manhã, deixava meu filho dormindo, minha madrasta olhava. Quando chegava, meu filho tava dormindo. Aí minha madrasta cuidava dele, botava na escola e tudo. Mas minha vida era essa. E... Foi quando, em 1978, foi quando eu entrei nessa empresa, prestando serviço.
Mais ou menos trabalhei uns dois anos e meio, foi quando essa empresa deu como falida. E meu contrato dizia: se a empresa não pagasse os meus tempos de trabalho, que a Emater-Bahia tinha que me retroagir, me adaptar para trabalhar, como se tivesse trabalhado nessa empresa. Foi aí que eu vim conhecer o que era um trabalho em 1978. E daí eu me aposentei nessa empresa por tempo de serviço.

**"Não aceitava comer por último"!**
**Dona Joca**: O que eu achava mais difícil nessas casas que eu trabalhei é que a gente fazia tudo: limpeza, lavava a roupa, fazia a comida. E elas queriam que eu comesse por último.
E eu não aceitava comer por último. Pensava assim, com minha cabeça mesmo dentro de mim: "por que eu comer por último? Não é justo eu comer por último". O que eu fazia. Eu pegava aquela lata de leite Ninho, de antigamente, com a tampa, e acabava de fazer a comida toda.
A primeira coisa que eu fazia era a comida, pra deixar logo pronta, porque, quando a filha do fazendeiro, do bancário chegava, estava tudo pronto. E aí, comecei a pegar essa lata de Leite Ninho, arrumava também minha comidinha, e deixava debaixo da pia, escondida, até chegar o horário perto de ir pro banho. Eu dizia que ia tomar banho e ia para o banheiro. Ah, eu estou indo aqui, Dona Gloria, tomar um banho. Era a hora que eu ia encher minha barriga primeiro, para depois, quando eu chegasse para o banheiro, minha barriga já estivesse cheia. E sempre fiz isso. Quase, mais ou menos, de dez anos que comecei fazendo isso. Mas sempre ia para casa pensando: "eu roubei a comida da mulher, eu roubei". Me senti muitos anos assim, com isso dentro do coração, dentro de mim, que eu peguei aquilo. Meu pai

sempre dizia, não pegue nada se não pedir. Mas eu não aceitava também ter que fazer as coisas pra elas: lavar, passar, cozinhar, arrumar cama que elas deixavam à vontade, chinela à toa, roupa à toa, tinha que catar aquelas roupas que elas não cantavam no chão. E eu digo: não é certo fazer isso, não é justo ficar passando por isso. E eu fazia isso sempre, sempre. A Se me desse fome, eu não falava com ela: posso pegar um biscoito? Posso pegar um pão? Posso pegar um pouco de suco? E não, não tinha essa coisa ... Porque ela me dizia que só podia comer depois que a linda chegasse. E passavam tempos assim, cansativos.

**“Ela dizia que não era para eu comer a comida do cachorro”** **Lene**: Tinha um dia mesmo que eu tive um almoço, ela mandou eu fazer comida. Fazer comida para o cachorro. Só que ela dizia que não era para eu comer a comida do cachorro não. Fazer frango para mim não. Que era fazer ovo para eu comer. Fui vendo essas coisas que eu passei e disse: “não dá para ficar mais aqui”. Aí, saí dessa casa. Fui trabalhar na última casa que eu trabalhei mesmo, com uma pessoa maravilhosa.

Só que ela largou o marido. Não podia ficar trabalhando, pagar um salário. Porque eu fazia muita coisa na casa dela, lavava, cozinhava. Aí, eu ficava indo três vezes na semana na casa dessa patroa. Nessa eu não passei humilhação. Mas eu passei muita humilhação. Ela mandava eu pegar água num tanque pra encher o tonel. Eu enchia os tonéis. Não tinha hora pra almoçar, só podia almoçar depois que limpava a cozinha toda.

Não podia almoçar, não podia sentar na mesa pra almoçar e nem podia comer a comida dela. Não era o mesmo almoço. Não podia comer na mesa, tinha que comer no quartinho. Não podia usar o banheiro. Tinha que usar o banheiro de baixo. E ela dizia que não tinha dinheiro para me pagar. Aí eu fui vendo isso. Aí eu fui vendo isso e disse, meu Deus, como é que eu não tenho dinheiro pra pagar um salário?

Eu que tinha que trabalhar pra ajudar a minha mãe. Aí depois saí dessa casa de comida, eu fui trabalhar em outra, na casa de uma enfermeira, mas fazendo diária. Ia três vezes na semana. Aí passei outra humilhação. Ela disse que era pra eu ir só limpar a casa. Aí fui pra limpar a casa. Depois ela botou roupa pra eu lavar. Ela não fazia comida não. Aí dizia que era pra eu levar comida, eu levava minha comida pra eu comer. Porque ela comprava quentinha. Fiquei um ano trabalhando nessa casa.

**“E aí deixei de trabalhar na casa de Madame”**

**Dona Joca**: Em outras casas, eu levava roupa. Eu lavava roupa de ganho. Aí, entregava as roupas de ganho, mais cedo. Ou às vezes, meus filhos. Quando chegou a uma faixa de idade de 10, 11 anos, levava às casas mais perto, que era na base da Liberdade. E foram muitos anos de sofrimento, porque eu não tinha conhecimento que era racismo, preconceito, o que elas faziam comigo. Por não ter conhecimento, estudo. Estudo eu tinha, mas como o meu pai e minha mãe são pessoal da favela, eu não tinha entendimento.

Chegou um tempo que eu comecei a trabalhar com uma mulher, que trabalhava no estado, o nome dela era Sueli, ali em Brotas. E ela já foi diferente, ela me pagava aquele salário dividido. Era o salário mínimo, mas era dividido. Cada vez que eu ia fazer uma diária na casa dela, recebia um pedaço ou outro do salário. Não tinha carteira, não tinha um recibo nenhum. Mas era uma pessoa que sempre me deu atenção. Ia pra casa dela, me dava feijão, arroz. A minha cesta básica ia ficar preparada. E aí deixei de trabalhar na casa dessa madame. Depois de 10 anos, ela ficou muito sentida. Dona Joca não vale nada. E eu agora digo assim: vai assinar minha carteira? Não, mas não posso assinar carteira. Então, eu tô indo pra casa de dona Sueli, que lá melhorou mais pra mim. E voltei, fiquei para trabalhar. Deixei Dona Glória para trabalhar com Dona Sueli. Chegou lá, eu tinha direito ao salário mínimo, mas dividido.

Toda vez que eu ia fazer na semana, duas vezes na semana, eu recebia meu dinheiro, levava minha cesta básica. E daí, para lá, conheci a confiança dela. Ela gostava das coisas que eu fazia, a limpeza e tudo. E essa mudança ali foi que mudou a minha vida. Já em 2007, mais ou menos, ela me ajudou a arranjar um trabalho, ela trabalhava em uma empresa e me disse assim, você vai ficar trabalhando na minha casa, e também na empresa que ela trabalhava, a Emater, prestando serviço. Ela pegava, tirava dois dias da empresa e me deixava fazer a faxina na casa dela. Assim, eu recebia da empresa e recebia dela. E eu trabalhava de meio dia até tal horário e de meio dia pra tarde eu trabalhava na empresa. No horário de duas horas eu trabalhava. Até a última hora. Ela esperava também, mas também me ajudava.

Maior dor é isso. Minha mãe e meu pai nunca trabalharam de carteira assinada. Depois de quase 40 anos, quase 50, que ela vem trabalhar de restaurante. Depois dessa idade de quase 50 anos, aquela vez, tinha uma carteira assinada. E aí, minha mãe sempre dizia, minha filha trabalha. Carteira assinada. Em 1979, 78, eu tive uma carteira assinada, pela Emater-Bahia. Por essa senhora Sueli.

**“Quem me trouxe para São Francisco foi o São João”**

**Lene**: Quem me trouxe para São Francisco foi o São João. Eu tinha uma prima de consideração. A gente foi criada tudo junto lá em Salvador, mas a família dela toda era daqui. Eu vim com meu filho pequeno, com o São João aqui. Passei até por uma prova aqui. Com a chuva, um São João de muita chuva. trouxe meu filho. Então, fui pro São João aqui. E todo o São João eu vim, todo o São João.

Eu tava trabalhando no restaurante, em Salvador. E nesse restaurante, Cabana do Camarão, eu trabalhei quatro anos. Então, meu filho ficava dentro de casa, sozinho, porque não tinha com quem deixar. Aí trabalhei muito na Cabana do Camarão e todas as férias, folga minha, eu vinha pra São Francisco do Conde. Eu vinha, olhava, a prefeita Rilza Valentim me prometeu até uma casa, Minha casa, Minha vida, que se eu viesse para aqui mesmo, ela conseguia. Então, eu vi que meu filho tinha uma dificuldade no aprendizado, aí eu vinha para aqui. Então, toda vez que eu vinha, dizia, vou correr atrás dessa casa, vou procurar uma melhora para mim, que isso eu preciso, sempre falei isso. Aí pedi, na Cabana do Camarão, minhas férias. Na segunda, tinha duas férias vencidas, disse ela, eu quero outras férias, porque eu quero ir para São Francisco do Conde. Aí fui. Nas segundas férias, eu pedi para ir embora da empresa. Aí, vim para aqui, para São Francisco do Conde.

Fazendo diária, acompanhamento de idosos no hospital e meu filho ficava aqui em São Francisco, na casa. Ficava sozinho. Ele tinha 12 anos, 13 anos, mas ele ia e volta da escola, estudava no Rilza Valentim, e eu saia 7 horas da manhã. Então, morei de aluguel muito tempo, mas decidi procurar melhora pra mim.

**Dona Joca:** Eu também sou filha de Salvador. Mas minha família, da parte de mãe, todas são daqui, são franciscanas. Trabalhava no engenho de Baixo. Nas fazendas, com catadura de bambu, quebra de cacau. Na época também tinha café, na época de minha mãe, que era em 1923. Cana também, faltava cana, mas meu pai era daqui também. E aí, eu vim agora em 2007, que eu perdi meu tio, meu tio Zé Miguel, que era guarda municipal da prefeitura, e eu vim pra cá. Cheguei aqui fui ficando, fazendo as visitas. Aí tinha uma prima que morava aqui, minha mãe queria conhecer essa prima saber dessa prima, e se meu tio faleceu. Ela trouxe pra aqui, pra D. João. Chegou e minha mãe não quis mais ir embora. Ficou numa casa caída assim mesmo, dormindo, se apaixonou. E aí minha prima deu um pedaço de terra para ela, aí eu fiz uma casa. Peguei, na época, tinha carteira assinada de trabalhador nessa empresa. Aí fiz uma casa de bloco pequena, só com banheiro, uma sala, uma grande e um quarto. Aí deixei minha mãe aí e comecei trabalhando. Pedi transferência pra Santo Amaro. E aí, o que tem mais ela

aqui? Trouxe os filhos. Três filhos. Fiquei aqui com a minha mãe.

**Tornar-se estudante na Unilab**

**Lene**: Aí eu disse: "tem uma entrevista pra faculdade, pra Unilab. Ai que alegria!" Quando eu fiz a entrevista, eu consegui. Eu estava tão decidida que eu ia conseguir. Quando faltava um mês para o meu seguro acabar, a empresa Unilab me chamou, e aí vim Trabalhar na faculdade.

Trabalhei sete anos aqui na faculdade, tanto que me bati com muitos professores, fui homenageada por quatro anos por professores e alunos pelo meu papel que eu fazia. Aqui eu trabalhei terceirizada. Então eu vi a experiência de Dona Joca, uma senhora de idade estudando. Eu disse: "já que Dona Joca está estudando, os professores me chamavam, porque, Lene, você não estuda também"? Eu digo: "não, mas eu trabalho, eu não posso estudar".

Ela disse: "não, você pode pegar um horário que você não empate o seu trabalho". Foi um horário que eu peguei, os horários que eu tinha vaga, porque o trabalho era só pela noite. Pegava uma hora e saía 10 horas da noite. Então, eu falei com o professor, vou pegar de manhã a aula e meio-dia eu pego o meu trabalho". Aí comecei a fazer a faculdade. Meu Deus, eu vi que a faculdade dá pra melhorar a minha vida. Fui fazendo a faculdade, pegando as aulas que eu podia, os horários. E no horário vago que eu tinha, eu ia pra Salvador fazer acompanhamento de idoso. Sete horas da manhã e chegava dez horas aqui.

É uma empresa terceirizada, que trocava em 6 em 6 meses. Era de carteira assinada, mas tinha que renovar cada 6 meses. Aí tinha que mudar. Tinha empresa que ficava um ano, tem empresa que ficava 2 anos, como essa mesmo que ficou. Fui registrada como Serviço Geral. Serviço Geral. Serviço Geral. Aí trabalhei aqui sete anos de Serviço Geral. Aí depois, eu passei a trabalhar vendendo lanche aqui dentro da faculdade. E tô até hoje, fui homenageada vendendo lanche. Graças a Deus.

**Dona Joca**: Daí eu tinha feito o ENEM. Foi em 2010, 2011, eu fiz aqui em São Francisco do Conde. Eu peguei, passei. E aí umas meninas chamadas Silvana, Luna e outro rapaz foram lá me buscar. Muitos já me conheciam da luta que eu em Dom João. E aí mandaram eu vir pra cá. Até se falou: "não, mulher, que eu nunca vi gente velha". Eu ainda tava com 60 anos, falei: "pra passar em ENEM, nunca vi essa irmã, que isso aqui, que passa jovem". Ela: "não, toma, pega o seu documento todo e vamos pra lá". Eu disse: "se for mentira, eu me aborrecerei com você". Aí vim, mas os pés corridos. O rapaz e a moça andando, a gente veio

pra cá.

**Entre dificuldades e ensinamentos**

**Dona Joca**: Tive uma dificuldade muito grande. No princípio. Professor Paulo, professora Elisa, professor Tcham, professor Fábio, que era marido de professora Cristiane, me ajudaram. E aí, minha filha, era muito choro. Professora Elisa, ela sofreu. Um professor me dava os textos para ler. Muitas palavras eu não conhecia, foi muito difícil para mim isso. Aí eu tinha que ir para o Google, saber o significado daquelas palavras.

E eu gostava muito de Filosofia, porque a professora Elisa me chamou para me formar em Filosofia. Como aqui eu tinha, eu fiquei assim levando. Fiquei aprendendo a falar, mas me apaixonei por aqui. E quando eu li esse texto, eram todos os ensinamentos de meu pai.

Era um guardião, era um texto que era assim, um guardião que tomava conta das plantas, cuidava das plantas. Aí eu cheguei e disse: "meu Deus, isso aí tudo é meu pai". Só que eu lia o texto e escrevia o que eu entendia, nas palavras que eu não sabia. Quando o aluno me dava aquela resposta, eu disse: "meu Deus, isso tudo que meu pai me ensinava". Lendo esse texto, eu comia, eu levantava, não tinha nem mais nada, só era para ler esse texto. Me apaixonei pelo texto. Aí escrevia, escrevia, escrevia, escrevia. Fiz mais ou menos umas dez páginas para esse texto. Aí eu peguei, passei a língua, tudo arrumadinho, bonitinho. Aí veio o professor, que eu não gostava de digitar, que eu não sabia, até hoje eu não sou muito boa. Estou aprendendo ainda. E aí foi nessa época que o professor, quando leu o texto, disse: "esse texto não tem nada a ver com o que eu lhe dei". Para que o senhor me fez isso? Botei a boca no mundo a chorar. Aí sai por esse corredor gritando.

Aí sai a professora da sala: "O que é, Dona Joca? O que foi, o que foi?" O professor aí não quer pegar meu texto não. O texto que ele me deu é tudo que o meu pai me ensinou". Eu botei tudo aqui. Ela: "vem cá, Dona Joca, pelo amor de Deus". Pegou um copo de água ligeiro e disse: "me dê aqui esse texto, deixa eu olhar".

Aí eu olhei o texto, li e escrevi contando toda a minha trajetória. Quando eu era do terreiro de candomblé, minha mãe era espírita, minha madrasta era católica, daquela fervorosa. E eu, com esse ensinamento, foi um ensinamento...

Então, tudo ali naquele texto, eu me realizei com tudo que eu tinha. O ensinamento do meu pai do candomblé, minha mãe do Espiritismo e minha madrasta católica. E tudo isso ali, naquele texto, trouxe tudo do que eu aprendi. Botei para fora nesse texto.

E aí, com aquilo ali, me apaixonei. Escrevi tudo que eu tinha. Ela falou: "vamos fazer o teu TCC".

E daí pra cá me apaixonei. É uma coisa que eu tenho, eu tenho várias religiões. Eu sou do candomblé, certo? Eu sou do espiritismo, eu sou do catolicismo, e hoje eu tô evangélica porque eu perdi um filho tragicamente, num acidente de carro, e naquele momento meio difícil, encontrei as pessoas da igreja evangélica pra me dar um pouco de atenção, de carinho.
Por aquele momento ali, não deixei de estar com a minha família do candomblé. Não me afastei do candomblé, do espiritismo, do catolicismo. Eu abracei todo mundo. Não quero saber de pastor, não quero saber de nada. Eu quero saber o que eu estou aprendendo. Que Deus é um só. Deus é um só. E o que eu tenho que respeitar é que o sangue está aqui.
Então, todos os meus ensinamentos, o que eu sou hoje, eu agradeço, se eu tiver minha sobrinha lá na terra do candomblé, eu vou lá sim, certo? Se eu estiver no espiritismo também, eu vou lá. Se eu estiver no Catolicismo também vou. As pessoas me chamam, eu vou. A senhora vai me ver no meio de tudo isso aí. Então, pessoal, eu digo, sério, não me julgue pessoa nenhuma. Deixe comigo e Deus, e eu ser muito bem. Ele conhece o meu coração. E daí pra cá, eu conheci essa religião todo o tempo.

**Lene**: Quase igual a dona Joca também. Era ler os textos, que ainda tenho muita dificuldade. Ler os textos, fazer resumo...Ai, meu Deus, não vou conseguir fazer isso. Então, os alunos sempre reuniam. "Não, tia, não é assim não". A gente tá aqui pra ajudar um ao outro. Fácil é ir junto com eles. Aí dizia: "tia, faça isso e, se tiver algum erro, a gente vai ajudar a senhora. Aí eu ia, sentava com os alunos, fazia meu resumo. Dizia: a senhora vai ter que pegar aula com o professor Fausto, a senhora não vai conseguir apresentar. Foi até online, porque teve a pandemia. Aí, a senhora vai ter que apresentar o seminário. Será que eu vou conseguir? Aí eu disse: não, eu vou ter que conseguir apresentar.
Quando eu apresentei o seminário, o professor me perguntou: "para que tanto medo? Olha que você apresentou. O seminário, tá de parabéns". Ave Maria, eu tive mais alegria pra continuar. E fui pegando matéria, pegando duas, três, porque eu não podia pegar mais por causa do trabalho. Só que quando eu peguei uma aula à noite, aqui, tinha uma menina que ficava comigo trabalhando. Só que chegaram até a empresa, que eu estava largando o trabalho pra estudar. Aí eu entrei em crise.
Aí a empresa pegou, foi e me chamou. Se estava faltando... Essa última empresa mesmo agora me chamou. Só que a mãe da dona da empresa é estudante da universidade, é uma coroa. Ela faz faculdade aqui. Aí eu chamei ela e falei que eu ia pedir pra sair. Ela disse: "você? Porque no intervalo você não sai pra limpar aqui. Você nunca deixa de fazer o seu serviço"

Aí, outros colegas aqui de trabalho mesmo inventaram coisas, que eu estava deixando de trabalhar para estudar. Quando eu disse que eu ia abandonar, que eu ia trancar, teve duas professoras que me chamaram e disseram: “não, você não pode trancar, você tem direito de estudar, você tem direito de fazer sua faculdade. Como tem uma pessoa que trabalha com você, pode fazer naquele momento que você está na aula e depois, no intervalo, você vir fazer a sua parte. Então eu comecei a fazer.

Na empresa, a mãe da dona chegou e falou que eu não deixava o serviço sem fazer. Eu estudava, mas, no horário do intervalo, eu vinha e parava. Aí foi mais impulso pra mim. Tipo, eu não vou parar. Só que teve muita picuinha, porque eu tava deixando as coisas sem fazer, mas eu não desisti. Aí que eu cheguei nessa empresa agora, eu não fiquei. Eu achei que foi por isso.

O próprio colega de trabalho que veio e disse: “você não vai conseguir estudar, você vai ter que se despedir”. Da própria empresa que trabalha pra comigo. Aí eu digo, nem que tenha que eu saia do trabalho, mas eu não vou deixar. E não deixei. Então chegou o ponto de eu terminar em nome de Jesus. E agora eu fico aí, graças a Deus. Faço minha diária.

**Juliana Farias:** Estou vendo dois pontos em comum nos depoimentos de vocês. Primeiro, pensei na questão da maternidade. Como mães, vocês tinham que trabalhar e deixar os filhos, não é? Dona Joca falou que saía e o filho estava dormindo, quando voltava, já estava dormindo de novo. Lene, você deixava o seu pequenino em casa. E foram mães solos também. E muitas vezes para cuidar do filho de outras mães. Enquanto os seus ficavam sozinhos. Dona Joca falou que não tinha muita noção do racismo, falou como seu próprio pai agia. A Unilab fez vocês olharem para essas questões de uma outra forma? Agora que têm mais consciência dessas diferenças, tornadas desigualdades, associam as explorações que sofriam com o racismo?

**Acho que nasci e vivi no racismo**

**Dona Joca**: Hoje eu não tenho dificuldade de saber quando a pessoa está me chamando de pretinha, o modo de me tratar, o modo também de fazer aquilo como um racismo. Na época, meu pai queria que eu limpasse a família, eu não sabia o que era limpar a família. Eu tinha que arranjar um homem mais claro para aquele pai. Meus filhos tudo era quase assim. Estavam bem morenos. Mas meus filhos foram tudo claros. Minhas tetas foram tudo a cor da senhora. Quando os bebês nasciam claros, para meu pai era uma festa. Parecia que soltava até foguete de ver as crianças tudo claros.

Como o meu pai e a minha mãe não tinham entendimento e conhecimento do racismo, era diferente. Mas, naquele tempo, eu era assim. E eu não tinha uma roupa boa para ir a um aniversário. Então, naquela escola que a gente tinha uma situação melhor, ficava dando risada, porque eu não ia. Essa escola toda, porque também era incentivado pela mãe: "ó, ela não vai por causa disso". Então, não só as vizinhas, namorados, que moravam em uma condição melhor, falavam aquela coisa: "a roupa dela como é, o sapato dela como é".

Então, também na época do colégio, a gente tinha um sapato plástico, que rasgava, a gente pegava o cordão branco, costurava com a agulha de costurar saco e passava o carvão em cima do cordão pra ficar preto. Então tudo isso a gente ia lá esticando, porque o sapato tava rasgado, era costurado, certo? Então eu não andava suja, na realidade eu não andava, mas a nossa roupa não tinha ferro pra passar. A gente botava a nossa roupa debaixo do colchão, a farda do colégio, pra não machucar. Deixava bem arrumadinho, e aí jogava o colchão com um pano por cima. A gente tinha que dormir sempre retinha pra não ficar bolinho com o colchão. Então, eu digo assim, se eu andasse de qualquer jeito, as pessoas iam dar risada. E também quando era mocinha, eu não ia pra muito lugar, porque eu não tinha roupa pra vestir. Aí as pessoas ficavam falando.

Então, quando eu ia, às vezes, eu tinha que repetir aquela mesma roupa. Eu não sabia o que era o racismo, mas vivenciei muito. Chamavam você pra um lugar que você não ia, todo mundo dava risada. Pra conseguir ter uma roupa pra ir pra algum lugar, era difícil. Eu não tinha. Então, a gente vestia a roupa dos filhos do fazendeiro, das patroas que minha mãe trazia.

Quando fazia o remendo, costurava o remendo, tudo direitinho. Que a gente não tinha com o dinheiro pra pagar. Certo? Se a gente tomasse um corte, o meu pai pegava, cortava a folha da bananeira, despejava aquele caldo da bananeira e botava o pó do café. Ah, pra isso eu arrumava um pano e todo mundo dava risada.

Porque o meu pai também era daquele que se a gente fazia alguma coisa de errado... A gente ia no horário de manhã, hora de café, não podia ir até a porta dos outros. No meio-dia, não podia.

Se a gente chegasse no meio-dia, no horário, em qualquer porta da pessoa, ficasse conversando, ele dizia: "você tá olhando, tá olhando a comida dos outros, tá olhando as coisas dos outros". Então, foi muita coisa. Ele mesmo tinha o racismo dele pra gente. Não era que a gente foi pra lá pra ver as comidas das pessoas pra pedir nada, né? Mas simplesmente ele tinha aquilo ali. Eu passava vergonha por causa dele me chamar a atenção na frente dos outros. Apanhava, tomava aqueles tapas no corpo, puxava. Do primeiro casal eram quatro [filhas] mulheres. Do segundo casal, da separação, a mulher que ele arranjou, ele teve um

relacionamento, teve um filho. Aí depois não se deu bem com essa segunda mulher, ele arranjou outra que tinha dois filhos. Mas a que me criou mesmo foi minha madrasta. Minha mãe me criou até uma faixa de idade, mas ela começou a trabalhar e aí pegou e entregou a gente para a minha madrasta.

Eu vivenciei [o racismo] nas casas das madames também. Quando ia entregar aquela trouxa de roupa pras pessoas, tinha que esperar, ficar na porta esperando, e tinha que ir chamar e puxar a porta. "Não é muito cedo pra senhora vir pra entregar a roupa, não, tinha que vir mais tarde". E a gente ficava sentado no passeio, dormindo só, pra depois esperar, quando ela ia pegar a roupa suja pra me devolver e levar a mim. Era longe, né? Tinha na Lapinha, tinha no IAPI, Pau Miúdo, Estrada da Rainha. Tudo ia andando. Ia com menino. Vamos levar. Cada dia, os dois maiores iam comigo com uma trouxa na cabeça e ia com outra. E as pequenas eu levava assim no braço. Tinha a grande e tinha a pequena. E aí fazia tudo. Ela me dava o sabão. Sabão Quiboa, tudo quem me dava era ela. Agora, era assim, aquela escola dava o dinheiro, certo? Aí, como sobrava material em casa, então o dinheiro já comprava alguma coisa para o indivíduo merendar. Lavadeira de ganho é um trabalho por tarefa. É porque você tem essa tarefa. Você leva a trouxa da roupa e aí vai ganhar por isso e por essa. Eu trabalhei assim. Tinha muito, tinha muito isso aí. Eu vivenciei isso muito, porque eu trabalhava... Eu vim do terreiro de candomblé, então a gente lavava e engomava as roupas dos santos.

**Lene**: Eu trabalhei também. Eu amo engomar roupa. Eu não gosto de passar não. É bom que agora as roupas...Não preciso passar. Eu lavei em 2010, não esqueço. Eu deixei meu filho em casa e levava a roupa de ganho que eu lavava de um rapaz. Que era assim, esses rapazes que trabalham em Salvador, que tem empresa, tem empresa.

Eu lavava a roupa dele, vou lhe dizer aqui. Aí, deixava meu filho sete horas dormindo, deixava o café dele pronto, deixava tudo pronto, porque ele ficou três anos sem estudar, pra você ver. Porque não tinha quem levar, não tinha, tinha que pagar alguém pra levar. Ele não tinha condição.

Aí deixei ele em casa, e ia lavar roupa, saia às 7 horas da manhã, ia para Pituba. Aí quando pegava roupa, uma mala, uma mala, trazia aquela mala de roupa desse rapaz para lavar em casa. Pegava segunda-feira e levava na quinta-feira. Lá passava tudinho. Aquelas que eu usei de manga, pra dobrar tudo como vende na loja. Tudo passada de ferro e tudo na mala. Aí levava na Pituba, era uma ladeira que eu digo que não desejo para o meu pior inimigo, que eu subia com essa mala. Todo mundo ficava dizendo: "como é que você consegue subir"?

Mas, como dizia, a necessidade obrigava. Uma vez, uma vez eu passei, atravessei a sinaleira, na hora que abriu, eu passei com a mala de roupa. Eu tomei uma topada em cima do passeio. Peguei a roupa assim rápido, para não machucar a cabeça da roupa. Quando cheguei lá no prédio, ele tinha acabado de sair. Porque eu tinha horário, eu perdi o carro. Quando eu liguei, ele disse: "pode deixar aí no condomínio, que eu já falei com o pessoal". Quando foi um tempo, combinou comigo se eu podia pegar a roupa e limpar a casa dele. Ele me deu a chave da casa. Eu tava precisando de dinheiro, né? Pronto, tinha que fazer isso.

E não lavava a roupa. Porque lá, naquele condomínio, não tinha lugar onde estender. Então, minha casa é casa grande, tinha espaço, à vontade. Aí eu pegava a roupa, levava pra lavar. Quando eu ia entregar a roupa, nesse dia eu limpava a casa, não lavava a roupa. E deixava meu filho em casa. Quando eu chegava em casa era 8 horas da noite. Porque você sabe que engarrafamento na Pituba, saia de lá de 7 horas, 6 horas da noite, eu saia da casa dele. E meu filho, sozinho o dia todo.

Minha mãe morava embaixo. Aí quando eu chegava, minha irmã, que mora em cima, ou minha irmã, que mora no fundo, dizia: "ficou correndo aí, ficou teimando". Eu chegava, batia. Com o tempo, eu fui deixando, dizendo: "você vai ficar em casa, vou deixar a sua comida, deixar a merenda, deixar tudo pronto". A casa tinha grade, eu trancava a porta e levava a chave. Mainha chegava na porta, do lado de fora. Aí até a hora que eu chegava, 7, 8 horas da noite. Passei três anos trabalhando com essas pessoas, os três anos que ele ficou sem estudar.

**Trabalho e maternidade**

**Lene**: A maior dificuldade de criar o filho sozinha é quando faltava coisa que meu filho não entendia. "Eu quero minha mãe comer isso, eu quero aquilo". Aí eu dizia: "filho, hoje não tem nada. Amanhã a gente compra". Aí sempre tinha amanhã. Porque eu sempre ensinei meu filho como minha mãe sempre passava pra gente: a gente vai comer hoje e deixar pra amanhã. A gente sempre guardava pra o amanhã. Então, eu fui o graças a Deus para o menino, que eu, graças a Deus, também queria.

Hoje eu digo a ele: você nunca passou dificuldade e nunca ficou sem comer, porque minha mãe mesmo que passou muita dificuldade. A gente tinha dia que tomava um café com farinha de manhã. A gente ia pra escola e nunca disse que não comia. Ia pra escola pra almoçar, porque não tinha dia que ano tinha em casa pra almoçar. Oxente, meu irmão que morreu, ele comia duas vezes. Pra quando chegar de noite, já chegava com barriga cheia.

O que me fez mais morar aqui também foi uma vez, que eu deixei meu filho, enquanto estava trabalhando no restaurante Cabana do Camarão. Deixei meu filho queimando de febre. Minha

mãe não estava lá, minha irmã não estava. Eu fui trabalhar deixando ele queimando de febre em casa. Aí, a vizinha foi lá e quando ela tocou nele, ele tava com febre de 38.

Ela ligou pra mim, e eu nem podia atender o telefone. Aí, fui pro banheiro e atendi. Ela disse: "vem levar ele pra emergência". Dia de sábado, movimento mesmo. Mas eu bati o ponto e fui almoçar uma hora da tarde.

Quando bati o ponto, fui em casa. Peguei e não voltei pra retornar o ponto. Peguei ele, botei num táxi e levei na emergência. Quando o médico chegou ali, ele tava tremendo. Voltei pra trabalhar, já era duas e meia, três horas. Quando eu vou pra bater o ponto, o chefe atrás de mim: "você bateu o ponto agora, na hora em que você saiu". Eu: "Oh, Fábio, eu fui levar o meu filho para a emergência". Ele disse: "Agora todo mundo tem filho para ficar com ele... não pode ir para casa". Aquilo ali foi uma humilhação tão grande, eu nunca tinha queimado, nunca tinha faltado no trabalho. Todo mundo falava: "ela é a única que não falta". No outro dia, eu disse a ele: "olha, pode me botar no aviso. Eu não quero mais trabalhar aqui". Ele disse: "você não vai conseguir emprego com essa crise". Eu digo: "eu vou, porque eu tenho dois braços e duas pernas". Assim mesmo, porque eu estava com muito ódio, muito ódio.

Morei três anos com ele, e aquilo não saía da minha mente. Eu pedi para sair do trabalho, por causa de uma humilhação que eu passei e não tinha necessidade dele dizer isso. Não! Ele brincava em casa, chorava e dizia: "minha mãe, por que a senhora está chorando"? Nada não, filho, é uma dor que eu estou sentindo. Ele falava: "vou pegar remédio para a senhora". Aí, pegava o remédio, me dava e eu fingia que tomei. Ele sempre positivo, porque meu filho foi uma criança, que sempre dizia: "minha mãe vai dar tudo certo, a senhora vai conseguir seu emprego, você vai conseguir seu emprego aqui".

Quando foi um dia, eu estava no Sine [Sistema de Nacional de Empregos], vinha uma filha enorme, enorme. Eu estava de calça, de camiseta, caminhando. Sou muito curiosa e era de uma entrevista que ia ter. Então, vou colar logo aqui, mesmo morrendo de fome. Aí encontrei com minha prima, que era daqui, eu disse: "vai ter uma entrevista". Eu e ela, desempregadas.

Eu nem tomei café. Eu digo: "ah, não estou nem com fome. Por essa entrevista que vai ter, eu prefiro ficar aqui, sem documento, sem nada". Daqui a pouco a gente fez assim: quem vai ficar pra entrevista, fica aqui, e abriu o portão e botou pra entrar. Eu fiz: "bora pegar uma moto, vou pegar meus documentos, você fica aí na fila". Que eu pegava o meu documento, voltava e ela depois ia pegar o dela.

Lá em casa era uma ladeira imensa, eu morava na Pitangueira. Então, eu ia andando, ia atrasar, né? Ia começar 8 horas, já eram 7 horas quando abriu a porta. Peguei uma moto.

Eu ia pedir a meu irmão para mandar um dinheiro para mim. Aí, ele chegou e fez assim: “eu levo, eu levo. Não se preocupe com esse dinheiro. Você não vai conseguir seu emprego de novo”. Aí eu fui, tomei um banho, botei um dedo de roupa, que eu não ia ficar com aquela roupa de caminhada, né? Peguei meus documentos todos, botei uma bolsa e vim. Aí disse a ela: “vá você agora pegar seus documentos. Ela foi”.

Sete horas da manhã. Não sei se aquele jejum que eu fiz foi um milagre mesmo. Deu onze horas, nada de chamar. Daqui a pouco o chefe pegava a garrafa e falava que vinha da empresa. Quando chegou, foi fazer entrevista. Fez assim: “quem eu chamar aqui, o nome fica aí, que vai passar pela entrevista. Quem eu não chamar, pode ir embora”. A fila com mais de 30 pessoas. E eu: “vou conseguir, vou conseguir, vou conseguir”. Quando eu tô na fila, ele pegou e fez assim: “quem eu não chamei, pode ir embora”. Aí chamando todo mundo, chamando, chamando. Faltou 15 pessoas pra chamar. Quando é daqui a pouco, ele diz lá: Luiza Nascimento Santos. Você sabe o que é, dá um arrepio.

Eu chorei, chorei. Chorei tanto que a doutora da empresa falou assim: “você está se sentindo mal”? Eu disse: “não, eu estou feliz da vida, que eu consegui um emprego”.

Na entrevista, fiz assim: “você escolhe, para trabalhar ou não, o que aparecer para mim. Eu quero trabalhar, moro com meu filho sozinha”. Aí fiz a entrevista com ele: “pois você já vai começar a trabalhar segunda-feira”. Chamou minha prima e ela também conseguiu. A gente veio pelo caminho andando, não queria nem subir de moto, porque ela estava tão feliz. Ali encontramos um carro d'água, que parou e disse assim: “vocês estão se sentindo mal”? Eu digo: “não, moço, a gente está feliz, a gente consegui um emprego”. Ele disse: “posso fazer uma coisa pra vocês? Eu posso pagar o almoço para vocês”? Eu: “não precisa”.

“Deixe de orgulho, eu vou pagar. Deus mandou eu pagar o almoço para vocês”. Eu vim com um gole de café de sete horas da manhã. Ele disse: “é guerreira você”! Quando, no restaurante, pagou o almoço para a gente, eu peguei e botei na quentinha, que eu vou levar para meu filho, que ele não tinha nada para comer. Quando levei, ele fez: “mãe, ladrão de comida”? Eu disse: “dá um abraço, que mãe conseguiu o trabalho”. Pra ter uma felicidade, eu não quis mais ir pra Salvador. Então, eu disse: “agora eu procuro uma melhora pra mim”. Tanto que eu não saí e passei 14 anos de aluguel, morando aqui. Porque eu trabalhava só pra pegar aluguel.

Então, apareceu o meu marido, deu oito anos que estou com ele. Apareceu eu pegando uma carona para ir para casa. Estava sem transporte, ele apareceu. Foi. E juntamos. A gente mora junto hoje. E construiu a nossa casa. Foi que ele marcou o buraco da casa. E

a gente que cavou. Pra gente ir pra nossa casa, eu e meu filho. Porque a gente não tinha condição de pagar. A gente morava de aluguel.

**Lene**: Meu filho também foi muito maltratado, porque a minha patroa tinha uma filha com síndrome de Down. Então, quando ele ia para lá, não tinha noção. Queria sentar no sofá e assistir televisão. Pegava o controle para pra ligar a televisão. Minha patroa, essa última patroa que eu tive, que eu não tenho como pagar essa patroa, ela deixava ele assistir televisão. Quando foi um dia, eu ouvi o grito dele. E mãe ouve grito de filho longe. Quando eu ouvi o grito dele, ela tomou o controle da mãe dele. "Você não tá em sua casa. Aqui é minha casa". Só que minha patroa, pegava o controle e dizia: "não, deixe ele assistir". Quando daqui a pouco, eu dizia e batia nele, porque ele ia pegar o controle, ele não entendia o que era estar assistindo. Aí pegava ele, botava dentro do banheiro, pronto, pra lavar roupa, comigo, porque lá não tinha água, pra lavar roupa, até hora de ir embora. Então, para eu não perder o emprego, colocava ele dentro do banheiro. Aí ficava lavando a roupa, lavava, lavava. Teve um dia que, quando eu fui ver, ele tá vindo da bacia de água com a cabeça assim. Pronto, eu levantei e corri. "Eu tô nadando". Olha que medo. Tadinho.

**Família, comunidade e universidade**

**Lene:** Ser mãe solteira, passar por muitas dificuldades e pensar: "ah, meu filho não dá pra nada que preste". E hoje meu orgulho maior é que meu filho fez o ENEM e vai fazer a faculdade dele aqui, aqui na Unilab, a mesma Unilab, graças a Deus. Eu tô fazendo a faculdade, então pra mim isso é um orgulho muito bonito, entendeu? Pra dificuldade que eu passei, pra humilhação que eu passei de casa de família, hoje eu tô com orgulho de criar meu filho. A UNILAB ofereceu muita coisa boa pra mim. Valeu a pena eu trabalhar aqui.

**Dona Joca**: Teve uma época que a professora Miriam me botou em um carro de som pra eu chamar os jovens, para eu estudar na faculdade. E aí foi que eu vi que o pessoal daqui de São Francisco não gostava de estudar. E para mim foi muito difícil. Hoje, estou vendo que os alunos, as meninas que estão estudando aqui, que é do quilombo Dom João. Também do quilombo do João, as meninas estão mais interessadas também, estão vindo. Eu digo, "menina, dê uma bolsa, já ajuda a sua família".

A escola, a faculdade não tá aí pra lhe apontar que você tem vergonha. Você tem que aprender a ver as suas colegas apresentando um trabalho, aí você vai tomando um bom estudo, devagarzinho, não vai sair com vergonha não. E hoje tô vendo essa menina que não queria nada, muitos anos parada, vinte, vinte e poucos anos, tá vindo pra faculdade. E aí eu digo a elas. Muitas meninas voltaram para estudar também, para a faculdade. Então, eu vi essa menina que saiu da faculdade, que entrou na faculdade e voltou para estudar, se formar. É muito importante para mim dizer: "Olha, Dona Joca, estou na faculdade" Então hoje também tem esse curso de Licenciatura, que professora Zelinda fez. Muitas irmãs, de Dom João também.

**"A Universidade criou essa mulher que eu sou hoje**"

**Dona Joca**: Tudo que eu sei hoje foi pela UNILAB que me abriu essa porta, esse entendimento. Cheguei aqui uma época generalizando tudo. A professora dizia: "não é assim que se fala, Não pode falar assim, que a senhora vai se prejudicar. A senhora está falando para todo mundo, para dizer que eu não fiz aquilo. E a senhora está botando eu também no meio". Ela me explicou direitinho como era o passo a passo, né? A gente não generaliza as coisas. Ela me ensinou: você não pode chegar em qualquer meio. Aí eu falo com ela, quando eu vou começar a construir, eu falo desse jeito. Ela me diz: "a senhora vai ter que fazer alguma coisa. A senhora é uma mulher que está estudando na faculdade, certo"? Eu digo: "olha, minha academia não vai ser a academia da senhora. Minha academia vai ser uma academia ancestral". Eu vou ter um pouco do seu ensinamento, e de todos os meus professores que me ensinaram, e também o meu vai estar. Então, a gente não vai ter briga por causa disso. E aí começamos a fazer esse conhecimento, também conhecer o racismo, o machismo. Todos eles me ensinaram um pouco disso.

Então, a UNILAB me trouxe o presente de crescer dentro da minha luta como quilombola, como unidade. Foi de lá que veio também o ensinamento, levaram as aulas daqui pra dentro da comunidade. Muita gente apresentou o TCC dentro de Dom João. Foi isso que nos fortaleceu dentro da luta com os órgãos. Ministério Público, a faculdade. Tanto pra um, pra outro. Agora, a professora Eliana, a professora Ana, a professora Luciana foi falar com os alunos, fizeram uma conversa com a gente lá e tudo. Também com a menina Nayane, que é da comunidade, que também foi professora. E é isso que dá um fortalecimento pra gente, as coisas que acontecem, não só da Unilab, igual ao Quilombo, e do Quilombo também igual à Unilab. Hoje os alunos quilombolas estão dentro da Unilab. Isso é muito importante.

Hoje essa mulher que eu sou, graças ao meu convívio, sei entrar e sei sair de qualquer lugar

pra conversar, com jurista, procurador. E a gente não tem diferença, certo? Eu sento em uma mesa com os procuradores do Ministério Público, com a doutora Meira, com outros, qualquer outro, a SPU, a Secretaria de Patrimônio da União também, com aquelas pessoas, em Brasília também, a gente tem uma fala e hoje eu posso dizer que meu currículo está todo completo.

**"Eu saia da sala, que eu ia limpar. Eu disse: um dia, vou fazer a faculdade aqui"**

**Lene**: Então, já que eu falei, eu assisti muito TCC, trabalhando, uma conversa antes da outra, e o que mais me interessou também em vir para a faculdade foi isso. Eu parava, fazia meu serviço, então, na hora vaga, eu não ia descansar, ia assistir os TCCs. Tinha professores aqui, aluna, que hoje tá em Minas Gerais, que dizia: "tia, vai assistindo ali, ó. Vão apresentar no TCC, a senhora pode assistir". Eu entrava, sentava na sala e assistia. Eu dizia: "meu Deus, que coisa bonita".

As pessoas apresentando. Quando eu tinha intervalo, eu sentava, entrava, a professora me liberava pra eu sentar, eu perguntava se podia entrar pra assistir. Aí tinha professora que dizia, pode assistir; a professora Fábia mesmo dizia: "pode entrar e assistir"; professor Fausto: "pode assistir à vontade, que um dia você vai estar". Nunca imaginava, né? Eu disse: "meu Deus, eu vou estar fazendo faculdade aqui, na Unilab, trabalhando aqui". Ela dizia: "não, nunca vai faltar a oportunidade. Aquilo aí foi uma alegria pra mim, que eu saia da sala, que eu ia limpar a sala de aula. Eu disse, meu Deus, ah, eu vou um dia assistir e vou fazer a faculdade aqui". Oxente! Quando eu entrei aqui, fui fazer também o ENEM. Fiz o ENEM. Reinaldo, foi uma mão direita pra mim, entendeu? A maioria dos professores me deu o maior apoio.

**Passados presentes**

**Dona Joca**: Na minha juventude, eu fiz magistrado por causa do meu pai. Ele queria ser professor e nunca teve estudo. O professor procurou trabalhar na polícia, no exército, porque qualquer coisa era o sonho dele. Foi o que eu fiz. Fiz magistério, e na época do meu estágio, meu pai me venceu no meu estágio, o parceiro que era ele que estava estudando. E aí eu me apaixonei por isso no momento. Aí foi o que eu fiz. Aí tentava fazer o Enem, mas tinha coisa no Enem que na escola não me ensinava. Eu sabia só as quatro operações, raiz quadrada, mas tinha uma época que foi cada vez mais. Quando veio pra fazer aqueles trabalhos, eu catava aqueles livros de cursinho que tinha no lixo pra eu ver mais ou menos como eram aquelas coisas. Mas tem uma época que minha mãe sempre dizia assim, tinha uma brincadeira, que quando você não sabia, você podia fazer assim: "papai

do céu, mãe do Zé", e aí assinalava. Aí um dia eu me inscrevi no Enem, umas quatro vezes no Enem, aí quando eu não sabia as coisas, aí eu ficava lá e assinalava.
Aí eu peguei e fiquei. Quando eu vim pra cá, eu fiz dois aqui, passei, me encontraram e me chamaram. Mas eu digo assim. Foi muito difícil chegar onde tô, né? Mas eu vivenciei isso, meu pai vivenciou a minha vida no magistério e hoje eu tô realizando o meu sonho. Porque eu realizei o sonho de meu pai, fazendo magistério, porque ele queria ser professor. E hoje eu tô realizando o meu sonho, que é meu, isso agora é meu. Essas duas graduações que eu tô aqui dentro, é meu sonho. Então eu quero realizar com tudo que eu tenho direito.

**Lene**: Eu penso assim também, que a maioria das pessoas que hoje em dia... que já vivia o que a gente já passou como empregada doméstica, procurasse melhora pra elas. Quer dizer, não ficasse só trabalhando em casa de família, pra ser própria, crescer mais. Eu falo com muitas amigas minhas mesmo. Eu falo com uma amiga minha mesmo em Salvador. "Menina, vai fazer uma faculdade. Você vê uma experiência melhor.
Muitas pessoas que gostam de rebaixar, gostam de humilhar, achando que a gente, porque a raça também é preta, a gente é preta, tem que só trabalhar de empregada doméstica. Não, a gente tem que procurar melhora pra gente, então depende da gente, por isso as coisas hoje em dia dependem da gente. A gente mesmo é que tem potência, eu vou procurar melhora, eu vou estudar, Eu vou crescer na vida, que eu sempre passo isso pra meu filho.
O que a gente passou, meu filho, a gente não pode deixar. Digo ao meu filho, todo dia: "bora, meu filho". Olha o que eu já consegui. E nunca pensava. Então, eu vi a oportunidade, achei a oportunidade de estudar. E se for estudar, vou crescer e procurar ser melhor.